

Hernâni Reis Baptista:
A cortina de Parrásio/
Parrhasius's curtain

Sismógrafo
16 Nov - 14 Dez/Dec 2019

Curadoria/Curated by:
Óscar Faria

Inauguração/Opening:
Sáb/Sat 16 Nov 17:00

Conversa com artista
e curador/Talk with
the artist and curator:
Sáb/Sat 14 Dez/Dec, 17:00

Rua da Alegria, 416
4000-035 Porto
sismografo.org
facebook.com/sismografo
[#sismografo](https://twitter.com/sismografo)

Make-up, the show is over — Óscar Faria

“A cortina de Parrásio” é a segunda parte de um projecto iniciado com “As Uvas de Zêuxis”, uma exposição recentemente apresentada na Casa das Artes, no Porto. Partindo dessa competição entre pintores da Grécia antiga, onde o que estava em causa era saber qual dos dois, Parrásio ou Zêuxis, seria capaz de imitar melhor a realidade de modo a enganar o olhar do outro, Hernâni Reis Baptista constrói uma ficção acerca da alteridade no mundo contemporâneo.

Se, no primeiro momento, a natureza – morta, diga-se de passagem –, protagonizava essa intenção, agora, no Sismógrafo, o problema é deslocado para o humano. Através de um dispositivo que tem tanto de “passerelle” como de cenário de fim de festa, o artista propõe uma mostra atravessada por questões relacionadas com os ideais de beleza, a ruína, a morte da pintura e a camuflagem. Em pano de fundo, um rádio sintonizado na Antena 2 não só convoca memórias e afectos relacionados com o processo da exposição, mas também prolonga a experiência vivenciada por Hernâni Reis Baptista no seu ateliê, o qual passou a ser habitado por estes sons durante os últimos meses.

Há em “A cortina de Parrásio” uma relevante componente biográfica, pois o artista apresenta obras provenientes de outros contextos, como os vidros pintados de “Dog eat dog” (Sismógrafo, 2016) ou um mármore exposto em “Não é ainda o mar” (Convento Corpus Christi, V. N. de Gaia, 2018). A esses trabalhos, somam-se outras referências mais íntimas, que passam quer por amizades, quer pela família mais próxima. A opção por deixar em aberto, como se de uma adivinha se tratasse, a razão da escolha de alguns tópicos da exposição, como os relacionados com a sexualidade, a identidade e o género, prende-se com a tentativa de deslocar para um outro plano esses debates fundamentais nos nossos dias. Trata-se aqui tão só de abrir um campo de possibilidades, propor um diálogo, iniciar, uma vez mais, a discussão.

Essa resistência à norma, à normalização, chamemos-lhe assim por agora, tem por intenção o fortalecimento do território da intimidade, no qual a produção das subjetividades tem necessariamente de se confrontar com o crescente aparato conceptual apropriado pelo mercado das ideias. Assim, em vez de uma afirmação panfletária, directa, de uma qualquer identidade, Hernâni Reis Baptista propõe antes uma liberdade de escolha, poética, sensível, em que o outro coexiste consigo, na diferença, no desejo, na vontade de se ser todos os dias uma possibilidade em aberto. Talvez por essa razão, o pó de *make-up* que cai ora sobre uma máscara, ora sobre uma luva, ora sobre fragmentos do corpo (um pé, um joelho), se aproxime tanto do choro, pois a tarefa de atingir essa dimensão do ser, aquela onde nos apercebemos que, afinal, somos nada – e sendo nada, somos tudo, todos –, é sem dúvida a mais difícil e extrema de todas.

Em “A cortina de Parrásio”, o espaço do Sismógrafo encontra-se dividido em três, sendo que a zona central é preenchida pelas obras apresentadas recentemente na Casa das Artes, Porto. Se, então, os trabalhos revelavam a sua face mais directamente relacionada com a natureza

– na qual se podia observar um conjunto de animais, plantas e minerais cujo principal atributo é a capacidade de se confundirem com o meio envolvente, quer enquanto estratégia de defesa, quer como forma de preparar um ataque –, agora exibem uma outra dimensão: a da pintura.

Se se prestar um pouco mais de atenção, podemos chegar à conclusão que as diferenças entre um e o outro lado não são assim tão grandes: ambos mimetizam peles, superfícies marmóreas, fragmentos de corpos. Contudo, nesta nova apresentação, existe um elemento que se destaca, a abstração pictórica, que de uma forma surpreendente adquire qualidades próprias da camuflagem, como se estes trabalhos, tão vivos nas suas cores, revelassem o seu disfarce: também aqui, por baixo da superfície, podemos imaginar cadáveres, preparados para o velório, ou para o enterro, através de uma cuidada aplicação de maquilhagem.

O que antes podia ser lido como uma *passerelle* ou um cenário de fim de festa passa também a ser um “filme de terror”: os membros decepados, transformados em pinturas abstractas – nalgumas é mesmo possível detectar nódoas e outras marcas corporais –, surgem ladeados por fragmentos de órgãos humanos – um joelho, um pé –, uma máscara, uma luva, obras que procuram simular a pele, casacos que prolongam o vermelho da alcatifa, camuflados... De repente, estamos perante uma verdadeira carnificina, exposta aos nossos olhos sob a forma de arte.

Se a intrincada obra que abre a exposição, feita com cintos de segurança, podia desde logo lançar a suspeita sobre esta nova proposta de Hernâni Reis Baptista, as peças seguintes – um mármore com uma imagem onde se vê um rosto com uma máscara, uma fotografia de umas costas com marcas parecidas com chupões, um tecido de limpar maquilhagem abandonado no chão – confirmam a estranheza deste ambiente, onde tudo parece estar visível e, no entanto, tudo está por esclarecer. Nunca é demais lembrar que estamos no segundo momento da mostra, sob o signo de Parrásio, também conhecido como o pornógrafo – há a notícia de que um dos seus trabalhos representa Atalante no acto de feição a Meleagro –, ou seja, esta é uma exposição acerca da ilusão que a arte pode produzir. O que vemos pode ser sempre – quando é que as coisas se passam doutra forma? – um engano. E tanto assim é que, após sabermos da possibilidade de termos diante dos nossos olhos qualquer coisa de monstruoso, a própria música que incessantemente ecoa do outro lado da parede, a partir de um aparelho de rádio sintonizado numa estação dedicada à cultura, adquire uma dimensão tenebrosa – não foi o renascentista Gesualdo que compôs algumas das suas mais requintadas partituras após ter assassinado e desmembrado a sua mulher e o amante desta?...

Tudo é mutável: o barro, a beleza, o humano. No fim da exposição, tal como no início, a peça realizada com cintos de segurança: pintura, escultura, tapeçaria? Será esta uma questão ainda relevante depois de termos visto, ali, diante de nós, o fim de um mundo?

Make-up, the show is over — Óscar Faria

“Parrhasius’s curtain” is the second part of a project started with “Zeuxis’s Grapes”, an exhibition recently presented at Casa das Artes, in Porto. Starting from this competition between painters from ancient Greece, where the question was which of them, Parrhasius or Zeuxis, could better imitate reality, in order to deceive the other’s gaze, Hernâni Reis Baptista creates a fiction about otherness in the contemporary world.

If, in the first moment, nature – dead, as a matter of fact – carried this intention, now at Sismógrafo, the proposition is shifted to the human. Through an apparatus that is both “catwalk” and end-of-party scenery, the artist proposes an exhibition criss-crossed by issues related to ideals of beauty, ruin, the death of painting and camouflage. In the background, a radio tuned to Antena 2 not only summons memories and affections related to the exhibition process, but also extends the experience lived by Hernâni Reis Baptista in his studio, which has been inhabited by these sounds during the last few months.

There is a relevant biographical component in “Parrhasius’s curtain”, as the artist presents works from other contexts, such as the painted glasses of “Dog eat dog” (Sismógrafo, 2016), or a marble exhibited in “Not Yet the Sea” (Corpus Christi Convent, VN de Gaia, 2018). More intimate references are added to these pieces, references that cross either friendships or the closest family. The decision to leave open, as if it was a riddle, the reason for choosing some topics of the exhibition, such as those related to sexuality, identity and gender, is an attempt to move to another plan these fundamental debates in our day. It is simply a matter of opening a field of possibilities, proposing a dialogue, starting the discussion once again.

This resistance to the norm, to normalization, let’s call it for now, is intended to strengthen the territory of intimacy, in which the production of subjectivities must necessarily confront the growing conceptual apparatus appropriated by the market of ideas. Thus, instead of a direct, pamphleteering statement of any identity, Hernâni Reis Baptista proposes rather a poetic, sensitive freedom of choice, in which the other coexists with himself, in difference, in desire, in the yearning to be everyday an open possibility. Perhaps for this reason, the make-up powder that sometimes falls on a mask, sometimes on a glove, sometimes on body fragments (a foot, a knee), comes so close to crying, for the task of attaining this dimension of being, the one where we realize that, after all, we are nothing – and being nothing, we are everything, everyone – is undoubtedly the most difficult and extreme of all.

In “Parrásio’s Curtain”, Sismógrafo’s space is divided into three, and the central area is filled with works recently presented at Casa das Artes, Porto. If, then, the works revealed their face most directly related to nature – in which one could observe a set of animals, plants and minerals whose main attribute is the ability to blend in with the surroundings, either as a defense strategy or as a way to prepare an attack – now they display another dimension: that of painting.

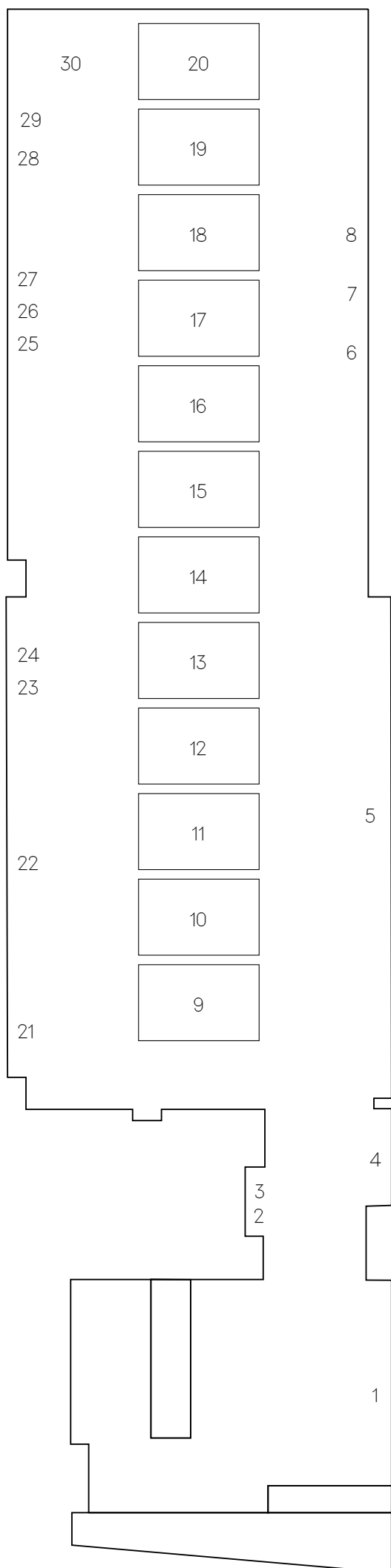
If we pay a little more attention, we can come to the conclusion that the differences between one side and the other are not that many: they both mimic skins, marble surfaces, body fragments. However, in this new presentation, there is a striking element, the pictorial abstraction, which in a surprising way acquires qualities of camouflage, as if these works, so vivid in their colors, reveal their own disguise: here too, beneath the surface, we can imagine corpses prepared for the funeral or burial through a careful application of make-up.

What could once be read as a catwalk or an end-of-party scenery becomes a “horror movie”: severed limbs, turned into abstract paintings – in some of them it is even possible to detect stains and other body marks – appear flanked by fragments of human organs – a knee, a foot –, a mask, a glove, works that try to simulate the skin, coats that extend the red color of the carpet, camouflaged... Suddenly, we are facing a true carnage, exposed to our eyes in the form of art.

If the intricate work that opens the exhibition, made with seat belts, could immediately cast suspicion on this new proposal by Hernani Reis Baptista, the following pieces – a marble with an image where we can see a face with a mask, a photograph of a back with traces similar to hickeys, a make-up wipe abandoned on the floor – confirm the strangeness of this environment, where everything seems to be visible, and yet everything needs to be clarified.

It is worth reminding that we are in the second moment of the show, under the sign of Parrhasius, also known as the pornographer – it is known that one of his works represents Atalanta in the act of fellatio to Meleager – in other words, this is an exhibition about the illusion art can produce. What we see can always be – when do things go otherwise? – a mistake. So much so that, after learning of the possibility of having something monstrous before our eyes, the music itself that incessantly echoes from the other side of the wall, from a radio tuned to a station dedicated to culture, takes on a sinister dimension – wasn’t it Renaissance Gesualdo who composed some of his finest scores after murdering and dismembering his wife and her lover?...

Everything is changeable: the clay, the beauty, the human. At the end of the exhibition, as at the beginning, the work made with seat belts: painting, sculpture, tapestry? Is this still a relevant question after having seen, there, before us, the end of a world?



1.
Manta de segurança/ Security blanket, 2019
Cinto de segurança/
Seat belt material
135 x 135 cm

2.
Diana, 2018
Impressão fotográfica
sobre mármore/
Print on marble
42,5 x 58 x 3 cm

3.
Toalha de rosto, 2019
Pigmento sobre tecido/
Pigment on fabric
Dimensões variáveis/
Variable dimensions

4.
Anteros, 2019
Impressão fotográfica
sobre papel / Print on
paper, 250gr
70 x 46,5 cm

5.
**Vêtement de camouflage,
Hiver 69-70,** 2019
Pintura sobre casaco
desenhado por
Anne Marie Beretta/
Painting on coat designed
by Anne Marie Beretta
Dimensões variáveis/
Variable dimensions

6.
Graxa III / Shoe polish III,
2019. Graxa sobre borracha
/Shoe polish on rubber
81,5 x 100,5 cm

7.
Graxa II / Shoe polish II,
2019. Graxa sobre borracha
/Shoe polish on rubber
78,5 x 101 cm

8.
Graxa I / Shoe polish I,
2019. Graxa sobre borracha
/Shoe polish on rubber
78 x 98,5 cm

9 a 20.
Make-up I - XX, 2019
Pigmento sobre mdf/
Pigment on mdf
100 x 142 cm

21.
Máscara / Mask, 2019
Argila não cozida, pigmento
/Unfired clay, pigment
30 x 28 x 14 cm (aprox.)

22.
**Casaco para tapete
vermelho / Coat for red
carpe,** 2019
Alcatifa /Carpet
Dimensões variáveis/
Variable dimensions

23.
Luva / Glove, 2019
Argila não cozida,
pigmento/Unfired
clay, pigmen
23,5 x 17,5 x 7 cm

24.
Luva / Glove, 2018
Impressão manual sobre
mármore / Print on marble
40 x 41 x 2 cm

25.
Elevação IV / Elevation IV,
2016. Esmalte sobre vidro/
Enamel on glass
93 x 37 cm

26.
Elevação II / Elevation II,
2016. Esmalte sobre vidro/
Enamel on glass
144 x 26 cm

27.
Elevação V / Elevation V
2016. Esmalte sobre vidro/
Enamel on glass
93 x 37 cm

28.
Fallout, 2019
Argila não cozida,
pigmento, mármore/
Unfired clay,
pigment, marble
34 x 14 x 19 cm (aprox.)

29.
Kabuki, 2019
Pigmento sobre borracha/
pigment on rubber
101 x 112 cm

30.
Saia travada, 2019
Argila não cozida,
pigmento, mármore/
Unfired clay, pigment,
marble
38 x 38 x 55 cm (aprox.)

*Som de rádio
sintonizado na Antena 2.
*Sound of radio attuned
to Antena 2.

Hernâni Reis Baptista (Vila do Conde, 1986) vive e trabalha no Porto. É licenciado em Artes Plásticas - Multimédia, pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, onde foi selecionado com o prémio de aquisição da exposição de finalistas em 2013. Começou a expor em 2011, de onde se destacam as exposições colectivas “CAVE”, na SOLAR, Galeria de Arte Cinemática (Vila do Conde, 2012), “Sem Quartel”, no Sismógrafo (Porto, 2014), “Quando alguém morria os gregos perguntava: tinha paixão” (Porto, 2016) e “Não é ainda o Mar” (Gaia, 2018), ambas com curadoria de Óscar Faria, entre outras. Apresentou individualmente “Mesa” e “Falha” no Espaço Campanhã (Porto, 2011 e 2013), “Tropismos”, no Espaço Vêsta (Porto, 2015), “T-1000”, na Floating Islands, Maus hábitos (Porto, 2015), “Dog eat dog, no Sismógrafo (Porto, 2016, Curadoria de Óscar Faria) e “Intraduzibilidade, Untranslatability, Unübersetzbarkeit”, no Klub Genau, a par do festival de arte “KARAT, the ocean and the river” (Colónia, Alemanha, 2013), “The Confession of the flesh”, na Kubik Gallery (Porto, 2018), entre outras. O seu trabalho está representado em coleções privadas e instituições internacionais, como a Fondazione Sandretto re Rebaudengo, Torino, Itália, entre outras. Participou também em residências artísticas na qual se destaca a “360° Context and Process”, pela Triangle Network no espaço Hangar (Lisboa, 2015) e Inter.Meada (Alvito, 2017). Trabalha maioritariamente com instalação, escultura, video, e diversos processos digitais.

Hernâni Reis Baptista (Vila do Conde, 1986) lives and works in Porto. He has a degree in Fine Arts - Multimedia, from the Faculty of Fine Arts of the University of Porto, where he was selected with the acquisition prize in the finalists exhibition in 2013. He began to exhibit in 2011, highlighting the group exhibitions “CAVE”, at SOLAR, Cinematic Art Gallery (Vila do Conde, 2012), “Sem Quartel”, at Sismógrafo (Porto, 2014), “When someone died the Greeks asked: did he had passion ”(Porto, 2016) and “Não é ainda o mar” (Gaia, 2018), both curated by Óscar Faria, among others. Individually he presented “Mesa” and “Falha” at Espaço Campanhã (Porto, 2011 and 2013), “Tropismos”, at Espaço Vêsta (Porto, 2015), “T-1000”, at Floating Islands, Maus hábitos (Porto, 2015) , “Dog eat dog”, at Sismógrafo (Porto, 2016, Curated by Óscar Faria) and “Intraduzibilidade, Untranslatability, Unübersetzbarkeit ”, at Klub Genau, part of “KARAT, the ocean and the river” art festival (Cologne, Germany, 2013), “The Confession of the flesh”, at Kubik Gallery (Porto, 2018), among others. His work is represented in private collections and international institutions, such as Fondazione Sandretto re Rebaudengo, Torino, Italia, among others. He also participated in artistic residencies like “360° Context and Process” by Triangle Network in Hangar (Lisbon, 2015) and Inter.Meada (Alvito, 2017). He works mainly with installation, sculpture, video, and various digital processes.

A programação do Sismógrafo para 2019 tem o apoio do Programa Criatório da Câmara Municipal do Porto./ Sismógrafo’s programme for 2019 has the support of Programa Criatório by the Municipality of Porto.

Porto.

O Sismógrafo tem o apoio de/
Sismógrafo is supported by: